



SINDICATOS CONDENAM CORTE DE AUXÍLIO-TRANSPORTE

Página 9

5901 MORTOS

E DAÍ

 **E DAÍ**
QUE VIDAS IMPORTAM
Página 2

 **E DAÍ**
QUE VAMOS RESISTIR
Página 3

 **E DAÍ**
QUE TEMOS HISTÓRIA
Página 3

 **E DAÍ**
QUE FAZEMOS ARTE
Páginas 4 e 5

 **E DAÍ**
QUE TEMOS 41 ANOS DE LUTA
Página 7

EDITORIAL

TRABALHO E PANDEMIA

DIRETORIA

Não está nada fácil. No momento em que escrevemos esse texto, o Brasil oficialmente passa dos 85 mil casos de COVID-19, com mais de 5.900 mortos. Estamos face a face com uma crise sanitária sem precedentes em nosso país, e além de todas as dificuldades inerentes a tal condição, temos que lidar com um Poder Executivo inócuo, chefiado por um boçal. Ao que tudo indica, nossas próximas semanas serão de preocupação, ansiedade e sofrimento, com o colapso iminente do sistema de saúde, as covas coletivas e os caminhões de cadáveres. Houve avisos e alertas bem estridentes, mas os responsáveis escolheram o desdém e a palhaçada. A conta dessa patifaria, como vemos, está chegando a galope.

É nesse clima que, infelizmente, chegamos ao dia do trabalhador. Entretanto, se nosso espírito está soturno, nos orgulha imensamente o trabalho hercúleo de nossos colegas da saúde e das atividades ditas essenciais. De fato, poucas vezes se escancarou tanto o papel fundamental dos trabalhadores na sociedade, que mesmo em condições de estresse, conseguem manter cheias as prateleiras dos supermercados e os hospitais a todo vapor. É por conta desses heróis da vida cotidiana que todos os outros podem fazer a sua parte, e se isolar.

A Universidade pública brasileira também se insere nessa empreitada com esses dois movimentos: enquanto a maioria de nós fica em casa no esforço de contenção, noss@s medic@s, enfermeir@s, t@nic@s, serventes, agentes de segurança e tant@s outr@s vão para a frente de batalha contra o coronavírus. Nessa edição do **Jornal da AdUFRJ** mostramos como a UFRJ está enormemente mobilizada na tarefa de nos mantermos ativos durante a quarentena, com as belas e envolventes atividades da Escola de Música e da Faculdade de Educação, assim como a movimentação do Hospital Universitário

Ao que tudo indica, nossas próximas semanas serão de preocupação, ansiedade e sofrimento, com o colapso iminente do sistema de saúde, as covas coletivas e os caminhões de cadáveres.



ALEX PAZUELLO/SEMCOM

para conseguir mais quadros. E, para nos inspirarmos nesses tempos difíceis, nos lembramos da nossa história com os 41 anos da AdUFRJ e a memória de Maria da Conceição Tavares, um dos pilares de nossa universidade.

Que esse 1º de Maio seja repleto de homenagens à coragem dos homens e mulheres que – com o seu trabalho – nos empurrarão para além dessa pandemia. E que as sequelas deixadas sirvam de reflexão para o mundo que queremos no “novo normal”.

ENTREVISTA | PAULO FONTES, PROFESSOR DO INSTITUTO DE HISTÓRIA DA UFRJ

“NÃO EXISTE SOCIEDADE SEM TRABALHADORES”

SILVANA SÁ
silvana@adufrj.org.br

Desde 1889, o Dia Internacional do Trabalhador é comemorado em todo o mundo no dia 1º de Maio. A data congrega “luta, luto e celebração”, como explica o professor Paulo Fontes, do Instituto de História da UFRJ. “Amanhã teremos o primeiro 1º de Maio da história em que as pessoas não irão para as ruas por conta da pandemia. Ainda assim, há marcados protestos virtuais, *lives*. Há toda uma efervescência nas redes sociais que reproduzem as características fundamentais desde sua origem: o luto, a luta, a festividade”, aponta o docente, que coordena o Laboratório de Estudos de História dos Mundos do Trabalho (Lehmt), do IH. Ele também analisa o cenário atual e fala das perspectivas para o futuro pós-pandemia.

Como surgiu o 1º de Maio e qual sua importância?

A origem da data está relacionada a um movimento de greve de bastante intensidade em Chicago, em 1886. Durante a greve, houve um conflito com a polícia, foi jogada uma bomba e morreram manifestantes e policiais. Alguns trabalhadores foram presos e quatro acabaram sendo condenados à morte, o que teve grande repercussão. Em 1889, a Segunda Internacional, em seu congresso de Paris, resolveu criar uma data em que os trabalhadores celebrassem sua condição de classe trabalhadora. Então a data 1º de maio foi escolhida. Tem a ver com a greve de Chicago, iniciada também em 1º de maio. E tem a ver com o fato de ser uma data de festejos vinculados à celebração da primavera, na Europa. Essa tradição vem desde a Idade Média. Houve essa confluência de significados.

Esse reconhecimento como o Dia dos Trabalhadores é o mesmo em todo o mundo?

É curioso, porque, até pela dinâmica de sua origem, o estado de Chicago nunca reconheceu a data como Dia do Trabalhador. Eles têm uma outra data, que é o Dia do Trabalho, que é a segunda segunda-feira de agosto. Mais recentemente, com aumento de imigrantes de origem latino-americana, o 1º de Maio tem ganhado força nos Estados Unidos. A origem da

data articula o 1º de Maio em três dimensões: uma, do luto, pois foi criado em função da morte de lideranças; tem um lado de luta, em relação aos interesses da classe trabalhadora; e um aspecto mais festivo. A depender do momento político, uma pode ter mais ênfase do que as outras. Amanhã teremos o primeiro 1º de Maio da história em que as pessoas não irão para as ruas por conta da pandemia. Ainda assim, há protestos virtuais marcados, *lives*. Há toda uma efervescência nas redes sociais que reproduzem as características fundamentais desde sua origem: o luto, a luta, a festividade.

A data passou a ser usada por governos?

Todas as correntes políticas ao longo do século XX adotaram a data com ênfases diferentes. Especialmente a partir da Revolução Russa, ganha um caráter ritualístico do próprio Estado Socialista. Mas não só. O fascismo a usou como celebração. Os países com modelos corporativistas, como o Brasil de Vargas, nos anos 1930, incorporaram a data ao seu calendário. Era o momento em que Vargas se dirigia especificamente aos trabalhadores com “um presente”. A CLT foi promulgada no 1º de Maio, a Justiça do Trabalho foi criada no 1º de Maio. E mesmo após Vargas, essa tradição se manteve. O reajuste do salário mínimo, por exemplo, acontecia no 1º de Maio.



ARQUIVO PESSOAL

Quais as principais mudanças no mundo do trabalho no último século?

O 1º de Maio está muito associado, originalmente, com trabalhadores do mundo industrial. Não necessariamente só das indústrias, mas da rede que a indústria alimentava, de trabalhadores braçais, predominantemente. A classe trabalhadora sempre foi diversa, mas o operário industrial compunha a simbologia do que se identificava como mundo do trabalho. Uma transformação importante nas últimas quatro décadas é a mudança desse “protótipo” de trabalhador. Há uma perda relativa do peso simbólico da indústria, e, portanto, desses trabalhadores no mundo contemporâneo. Mas é um paradoxo: ao mesmo tempo, o mundo nunca teve tantas pessoas trabalhando na indústria como agora. Toda a Ásia está na indústria. Mas, hoje, quando se pensa em trabalhador, se pensa numa multiplicidade muito maior de profissionais. Por outro lado, a identidade de classe tem sofrido abalos. Há um discurso muito forte de políticas neoliberais, de empreendedorismo. E há uma multiplicidade de identidades articuladas pela própria classe que muitas vezes surpreendentemente apagam do discurso político e identitário a condição de trabalhadores.

Nessa pandemia, muitos trabalhado-**res informais estão em graves dificuldades. Essa situação pode modificar o debate sobre trabalho?**

A Organização Mundial do Trabalho acabou de divulgar um estudo que indica que metade dos empregos estão sob risco. Nem a crise dos anos 1930 teve esse impacto. A ideia romântica do chamado empreendedorismo, sobretudo liderada pelos neoliberais, está em xeque. Porém, não significa que voltaremos a condições anteriores de emprego. O relógio da História não funciona assim. Haverá outros processos. É algo inédito para o qual precisaremos construir novas respostas. A própria questão da jornada de trabalho pode ser retomada. Nunca trabalhamos tanto como hoje. O trabalho entra na nossa casa de modo que a gente nem pense sobre isso. Essa crise nos mostra que não existe sociedade sem trabalhadores.

Quais são as perspectivas pós-pandemia?

Talvez cresça na agenda política do imaginário essa centralidade do trabalho. A verdade é que ninguém sabe com certeza o que vai acontecer. O que é certo é que o trabalho, como subsistência, existe e vai continuar existindo. Provavelmente haverá uma nova configuração dos trabalhadores como sujeitos políticos.

NOTAS

EM CARTA AO MINISTRO DA SAÚDE, SBPC PEDE PLANO DE ENFRENTAMENTO

■ O presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, Ildeu Moreira, enviou carta ao ministro da Saúde, Nelson Teich, cobrando medidas mais claras no combate à pandemia do coronavírus no Brasil. E exigindo que as ações sigam as diretrizes da Ciência e sejam defendidas por todos os entes do governo. Caso contrário, os pronunciamentos do Ministério da Saúde poderão se resumir “a informar o número de mortos” nos próximos dias. Outras 40 entidades científicas subscreveram o documento. Leia a íntegra em: <https://bit.ly/3f71unW>



ILDEU Moreira (SBPC)

CIENTISTAS COBRAM PROGRAMAS DE APOIO À PESQUISA BÁSICA

■ As Humanidades e a pesquisa básica receberam duro golpe do CNPq. A agência de fomento lançou edital de iniciação científica (PIBIC) para projetos que deverão se enquadrar apenas em áreas tecnológicas, de infraestrutura e serviços. Houve reação imediata da comunidade científica. A SBPC e a Academia Brasileira de Ciências encaminharam carta ao Ministro Marcos Pontes em defesa das áreas e cobrando projetos específicos para a pesquisa básica. A Sociedade Brasileira de Física lançou nota exigindo a revisão da decisão.

1º DE MAIO NAS REDES E SOLIDÁRIO

Sindicatos de todo o Brasil se uniram neste ano com um só objetivo: marcar o dia do trabalhador de 2020 com ações solidárias. A pandemia do coronavírus afeta o mundo e o país entra na fase mais crítica da doença. Por isso, o feriado terá uma extensa programação nas redes sociais. Vai ter muita música, política e ações de solidariedade. Será lançada ao vivo uma nova fase da campanha de arrecadação

de alimentos para pessoas em vulnerabilidade social. Saúde, emprego e renda são os motes do 1º de Maio unificado. A *live* deverá ter 4 horas de programação e será transmitida simultaneamente por todas as centrais sindicais (CUT, CTB e Força Sindical são as maiores) e pelas frentes Brasil Popular e Povo Sem Medo. A transmissão começa às 11h30 pelo Facebook e no canal RedeTVT, no Youtube.

A AdUFRJ reproduzirá a *live* nas suas redes sociais por entender que o momento é de unidade em defesa da democracia. E que a resistência a ataques antidemocráticos deve ser realizada em conjunto com todos os Poderes e instituições do campo progressista brasileiro.

“As reivindicações trabalhistas, sociais e humanitárias que teremos neste 1º de Maio são fundamentais, mas também

levantaremos o grito político de defesa da democracia e do “Fora, Bolsonaro”, explica Vagner Freitas, vice-presidente da CUT.

Até o momento, 42 atrações já confirmaram participação. Artistas como Leci Brandão, Chico César, Zelia Duncan, Dira Paes, Elisa Lucinda e a banda Dead Fish. Além de nomes internacionais, como Roger Waters, ex-Pink Floyd, e o ator e diretor

norte-americano Danny Glover.

No campo político, foram convidados presidentes dos poderes Legislativo e Judiciário, além de líderes de partidos e personalidades do campo democrático. Entre os destaques, os ex-presidentes Lula da Silva e Fernando Henrique Cardoso, deputados federais da esquerda, lideranças das centrais e de sindicatos nacionais e internacionais.

OLHAR 40TENAI
ITEC NAS REDES - Atividade de Extensão

“OLHAR 40TENAI”

PERCEBENDO PERSPECTIVAS:

Que objetos vemos agora que não víamos antes? Quais novas perspectivas são descobertas, construídas, a partir da nossa condição de confinamento? Registrem em imagem (fotos), sons (áudios de até 30 seg.), relatos (de até 10 linhas), tudo o que você vem observando desde o início da quarentena. Coloque seu nome e uma "legenda-enigma" (não descritiva) para as fotos, áudios e relatos.

Envie suas produções para itec.imagemetexto@gmail.com recebimento até 4/5, postagens nas redes do RIA, de 6 a 8/5

Realização: ITC IMAGEM E TEXTO EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA

Informações pelas redes: RIA 40tena

LUCAS ABREU
lucas@adufrrj.org.br

Diante da pandemia, professores e alunos da UFRJ não ficaram paralisados e foram encontrar na arte caminhos para promover uma integração entre si, e ao mesmo tempo aproximar a universidade da sociedade, sem deixar de respeitar o isolamento social. São iniciativas ligadas à música e à dança, que mostram que o potencial criativo da arte pode ser uma ferramenta poderosa de estímulo durante um período tão difícil.

A Escola de Música se prepara para lançar ainda no começo de maio o projeto "A Escola de Música daqui de casa", onde professores vão produzir vídeos curtos, de 3 a 6 minutos, com apresentações suas, pequenas palestras, lições ou dicas. Os vídeos serão escolhidos por uma comissão formada pela direção da escola, que vai determinar critérios de áudio, som e identidade que os vídeos devem ter.

"A ideia é dar visibilidade a todo trabalho artístico e acadêmico que é feito na Escola de Música", explicou o diretor Ronal Silveira. "As pessoas pen-

sam que os setores administrativos não estão funcionando, mas estamos trabalhando como nunca. O aluno tem condição de saber, mas a sociedade não sabe. A vida artística permanece, ela só mudou de perfil, e é importante que a sociedade entenda a importância da universidade" defendeu o professor.

Silveira ressalta, ainda, que a iniciativa do projeto foi coletiva, e que coube à direção da Escola oferecer suporte para que a ideia pudesse ser colocada em prática. O diretor conta também que os professores foram estimulados a fazer atividades extracurriculares remotas com seus alunos. Para o docente, o momento trouxe perspectivas positivas. "A ideia é que essas iniciativas não acabem junto com a quarentena, mas per-

“A ideia é que essas iniciativas não acabem junto com a quarentena, mas permaneçam indefinidamente depois

RONAL SILVEIRA
Diretor da Escola de Música da UFRJ

A GENTE NÃO QUER SÓ CIÊNCIA. A UFRJ QUER *e faz* ARTE



maneçam indefinidamente", explicou.

Ainda na Música, o coral "Sacra Vox", um projeto de extensão dirigido pela professora Valéria Matos, preparou ações para dar visibilidade ao grupo durante o período de isolamento. O "Estação Sacra Vox" pretende aproximar o público do coral através das redes sociais. "Queremos compartilhar com toda a comunidade os frutos das nossas ações artísticas e pesquisas acadêmicas", explicou a professora.

No período, o grupo também vai lançar apresentações em vídeo do coral, produzidos respeitando o isolamento social.



COMPREENDER O ESPAÇO ao nosso redor, essa é a proposta do experimento Percebendo Perspectivas. Acima, dois trechos do vídeo produzido em isolamento social pelo coral Sacra Vox



TRECHOS das aulas do projeto "Corpo aceso", da professora Sílvia Soter

Cada um dos cantores grava a sua participação, os vídeos são reunidos e sincronizados. Utilizando como base o áudio da gravação do último CD do grupo, o resultado fica muito próximo de um videoclipe. "A gente optou por isso para poder preservar a qualidade do nosso produto, que é a música", contou Miriã Valeriano, assistente de direção coral e produtora do vídeo.

Na Faculdade de Educação, um movimento feito para pensar a própria faculdade em tempos de pandemia estimulou a professora Sílvia Soter, do curso de Licenciatura em Dança, a resgatar um antigo projeto seu, o "Corpo aceso". "Criei esse trabalho há 10 anos, como um trabalho de consciência corporal, feito para ativar as nossas percepções", explicou. Agora ela disponibilizou os vídeos com as lições na internet. "As práticas nos ajudam a entrar em contato com as sensações, assimetrias e detalhes do nosso corpo, o que nos ajuda a enfrentar vários desafios neste momento, como o de estar confinados em casa".

Criado há dez anos, o grupo de pesquisa e extensão Imagem, Texto e Educação Contemporânea (ITEC/LISE) busca articular

as transformações culturais do nosso tempo com o trabalho educacional escolar, através de oficinas, ações nas escolas, cursos de extensão e diversos experimentos didáticos e artísticos. Com a pandemia, o grupo, coordenado pelas professoras Angela Santi e Aline Monteiro, vem realizando ações que convidam todos os interessados a compartilharem experiências e descobertas deste período de quarentena. Uma delas é o "Percebendo Perspectivas", em que as pessoas são chamadas a refletir sobre o contato com elementos da casa que não eram percebidos antes do confinamento - ou pelo menos não com a intensidade de agora.

"Estava nos incomodando a sensação de que a pandemia tinha nos arrancado da rotina das nossas vidas. A quarentena vinha com uma sensação de falta, de perda, de anulação, de angústia", afirma Angela. "Começamos a pensar maneiras de nos apropriarmos desta situação de uma forma mais potente. São experiências estéticas na contramão da lógica do mundo contemporâneo, capitalista, produtivista", completa. (colaborou Kelvin Melo)

TAM **SEXTOU** JUNTO

MÚSICA E HISTÓRIA PARA INSPIRAR E FORTALECER

ELISA MONTEIRO
elisamonteiro@adufrrj.org.br

Nem tudo precisa ser dito com verbo. A música foi a linguagem do #Sextou - Tamo Junto, no dia 24. Sob o impacto dos turbulentos pronunciamentos políticos do ex-ministro Sergio Mouro e do presidente Jair Bolsonaro sobre a vacância da pasta da Justiça e da Segurança Pública, os professores puderam fruir por algumas horas da clareira aberta pelo professor da Escola de Música, Samuel Araújo. "As artes não são adorno ou enfeites. Elas são o caminho para uma existência solidária",

resumiu. O docente mediou o bate-papo virtual que a AdUFRJ tem organizado todas as sextas-feiras.

Música para acampamento passou longe do repertório escolhido. Para início de conversa, Samuel sacou um Mbira (para íntimos) ou Lamelofone (para menos chegados). Tradicional do povo Shona do Zimbábue, o instrumento fazia parte do circuito musical no Brasil colônia, sendo gradualmente substituídos por equivalentes europeus. Sua estrutura equivale a uma placa de madeira com dentes de metal escalonados, que são tocados com os polegares e

indicadores. O som triste do artefato suscitou reflexões e debates sobre melancolia e estanhamento.

"Optei por começar com uma música presente na tradição oral do Brasil, de origem africana, que foi totalmente apagada ao longo da história", explicou Samuel. "Foi o caminho para trazer um pouco da discussão sobre violência, política e cultura".

A noite seguiu embalada por um pouco de discussão sobre a música. E Samuel deu ênfase aos primeiros esforços em afinar universidade e cultura popular. O exemplo veio ainda do Velho Continente, das compo-

sições do instrumentista John Dowland (1563-1626) na Universidade de Oxford. Depois, a conversa avançou por experiências nada corriqueiras, no Brasil, e na América Latina.

A cantora Violeta Parra esteve entre os legados celebrados. Samuel deu sua versão pessoal de "Gracias a la vida", uma das canções latino-americanas mais regravadas mundo afora. E, destacou a estreita relação da folclorista chilena com a cultura indígena. Sua música, gravada em 1966, virou hino de uma geração contra as ditaduras no continente, em especial, a do general Augusto Pinochet. "Aqui



SAMUEL ARAÚJO apresentou o Mbira (ao lado) para os colegas e celebrou o legado da compositora e cantora chilena Violeta Parra (abaixo)



no Rio, as pessoas cantavam essa música nos bares depois das manifestações", recordou Maria Paula Araújo, professora do IH e ex-diretora da AdUFRJ.

Cantorias, pejejas, boleros e sambas. Clássicos como Azulão - música de Jaime Ovalle e letra de Manuel Bandeira - foram executados e discutidos dentro de seus respectivos contextos e cargas emocionais.

Samuel prestou homenagens às vozes populares dos recém-falecidos Moraes Moreira e Tatinho da Manguera (Devani Ferreira). E fechou a conta com uma parceria de João Bosco e Aldir Blanc (hoje internado):



TANTINHO da Manguera, João Bosco e Aldir Blanc foram homenageados

Parati. "Cada um tem a própria receita, morena, pra combater a desgraça", diz um trecho do samba.

Para o professor da Escola de Música, diferentes fatores contribuíram para o amadurecimento da relação entre a academia e a cultura popular. Um

deles é a valorização do lugar de fala. "Durante a música política da década de 1960, o que mais importava era a poesia", justificou o professor da Escola de Música. "Mas, hoje, as interpretações e os outros aspectos do som também são considerados nas intenções da música".

UFRJ não consegue contratar médicos

>Demanda crescente por profissionais de saúde dificulta processos seletivos para reforçar os quadros dos hospitais da universidade e impede abertura de novos leitos

KELVIN MELO
kelvin@adufrrj.org.br

A UFRJ vive um drama. De um lado, os profissionais de saúde estão exauridos pela rotina de enfrentamento da pandemia. Do outro, a instituição enfrenta a dificuldade de contratação de mão de obra especializada para reforçar os hospitais da universidade. Nas duas frentes abertas até agora, o resultado é pífio. Enquanto isso, 39 leitos novos do Hospital do Fundão também aguardam o pessoal necessário para entrarem em funcionamento.

Em uma primeira chamada pública, organizada pela reitoria na semana passada, nenhuma empresa se candidatou com a mão de obra. E somente com o prazo prorrogado para o dia 30 de abril, uma única firma apresentou proposta apenas para o Instituto de Doenças do Tórax. A documentação da candidata ainda está sob análise.

Outra opção tem sido a captação de trabalhadores em um edital ampliado da Prefeitura do Rio, com pouco resultado. “Há dificuldades, pois, simultaneamente, a Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares, a Fio-cruz e a própria Prefeitura estão contratando profissionais de saúde em grande volume”, explica o coordenador do Complexo Hos-



HOSPITAL do Fundão já tem mais 39 leitos de CTI prontos à espera de novos profissionais para serem abertos

pitalar da UFRJ, Leônice Feitosa. “Não faltam médicos na região Sudeste. Intensivistas são mais escassos. Neste momento, faltam médicos, enfermeiros e auxiliares devido à alta demanda”, reforça a reitora da UFRJ, professora Denise Pires de Carvalho.

A contratação via Prefeitura do Rio está voltada para a operação de 50 leitos específicos para atendimento aos pacientes com Covid-19, sendo 21 de CTI e os outros de enfermaria. Neste dia 30, estão todos ocupados. Há mais 39 leitos de CTI prontos, esperando novos profissionais para que sejam abertos. São 470 vagas disponíveis para atender esta área do hospital. Até o dia 29 de abril, apenas 34 profissionais de saúde ha-

viam se apresentado ao HUCFF pelo edital da Prefeitura — que também contrata para o Hospital de Campanha do Riocentro e para o Hospital de Bonsucesso. Mas, como são profissionais de diversas áreas, não significa que estes recém-chegados dão suporte para abrir um único leito, por exemplo.

SITUAÇÃO NO HU

Atualmente, informa a assessora de imprensa do Clementino Fraga, a unidade dispõe de 50 leitos específicos para atendimento aos pacientes com Covid-19, sendo 21 de CTI e os outros de enfermaria. Neste dia 30, estão todos ocupados. Há mais 39 leitos de CTI prontos, esperando novos profissionais para que sejam abertos. São 470 vagas disponíveis para atender esta área do hospital.

Até o dia 29 de abril, apenas 34 profissionais de saúde ha-

viam se apresentado ao HUCFF pelo edital da Prefeitura — que também contrata para o Hospital de Campanha do Riocentro e para o Hospital de Bonsucesso. Mas, como são profissionais de diversas áreas, não significa que estes recém-chegados dão suporte para abrir um único leito, por exemplo.

SELEÇÃO VIA PR-6

A outra seleção, via Pró-reitoria de Gestão e Governança (PR-6), deveria compor o quadro do Hospital do Fundão, da Maternidade-Escola, do IPPMG, do Instituto de Doenças do Tórax e do IPUB. A empresa Proservig Zeladoria, com sede no Rio de Janeiro, apresentou uma proposta para o IDT. A docu-

mentação da firma agora entra em análise e o resultado definitivo será divulgado nos próximos dias, na página da PR-6. A planilha do chamamento público informa o total solicitado pelas unidades, de 936 profissionais. Mas as contratações efetivamente feitas estarão submetidas ao limite orçamentário previsto. A despesa será custeada com recursos extraordinários recebidos pela universidade para combater o coronavírus.

Enquanto os novos profissionais não chegam, a universidade tem promovido rodízio dos médicos das especialidades clínicas e cirúrgicas nos atendimentos das enfermarias e emergência, informa a assessoria de imprensa da reitoria. “Médicos são muito bem treinados em terapia intensiva durante a faculdade, mesmo quando não são especialistas. Os quadros mais graves ficarão com os especialistas; os menos graves, com médicos bem treinados por eles”, explica Denise Pires de Carvalho.

VOLUNTÁRIO EMÉRITO

Além das contratações, o Complexo Hospitalar convoca voluntários. E um dos candidatos chamou atenção: o professor emérito Adalberto Vieyra, diretor do Centro Nacional de Biologia Estrutural e Bioimagem (Cenabio). “Há mais de 50 anos, fui intensivista. Depois, entrei na pesquisa e deixei a prática da Medicina. Mas agora estou completamente à disposição”, afirma o docente, que se formou médico pela Universidade Nacional de Rosário, na Argentina. “Poderia voltar ao passado e talvez contribuir com algum conhecimento que ainda tenho”, completa. “Medo não senti, sabe? Já estou numa idade em que sentir medo não faz parte do dia a dia”, diz Adalberto, de 75 anos, que já combate o coronavírus na direção do Cenabio. A unidade está produzindo máscaras de acetato para a população.

LIVES DO MUSEU CONQUISTAM PÚBLICO

Quase duzentas pessoas acompanharam uma hora de bate-papo virtual com o diretor do Museu Nacional, Alexander Kellner, na manhã de terça-feira (28), no Instagram. As lives semanais, sempre às 11h, foram a estratégia adotada pela instituição para manter o público que acompanha as campanhas pela recuperação do museu engajado em tempos de pandemia. E o tema “Gestão de uma instituição de ciência e pesquisa em tempos de pandemia” motivou muitas dúvidas enviadas, ao vivo, durante o encontro. O vídeo rendeu mais de 560 visualizações em 24 horas.

Como a pandemia vai afetar cronograma da recuperação do Museu Nacional?, perguntou logo um dos internautas. Alexander Kellner reconheceu que a crise pode implicar em atrasos. “Certamente há uma influência da pandemia”, disse

o diretor. “Mas estamos fazendo reuniões diárias, às vezes quatro ou cinco no mesmo dia. Estamos fazendo o máximo possível, focando nas questões de documentação para adiantar projetos”.

Há alguma perspectiva de retomar o trabalho de divulgação científica antes da reconstrução da sede?, quis saber outro participante. Segundo informou o diretor, o Museu busca parcerias para materialização de “laboratórios e exposições em área livre” na Quinta da Boa Vista. Kellner destacou que a alta procura escolar pelo Museu é um dos fatores que tornam a instituição tão necessária para a sociedade brasileira. “Vinte mil estudantes ficaram órfãos de Ciência”, disse.

O novo prédio seguirá o projeto original ou terá estilo contemporâneo?, foi mais uma dúvida colocada. “Nós queremos res-

taurar a fachada, preservando ao máximo aquilo que era antes do incêndio”, respondeu Kellner. “Internamente, a ideia é que seja um museu mais moderno. Inclusive no que diz respeito ao que chamamos de bloco histórico”, completou. O diretor citou como exemplo a construção de um novo espaço dedicado à Imperatriz Leopoldina. Mas disse que haverá consultas públicas em relação ao tema.

Quais são as iniciativas para recuperação dos acervos destruídos pelo incêndio? O questionamento apareceu mais de uma vez em relação a diferentes coleções. Sobre o tema, o diretor do museu destacou a importância das parcerias. “O maior prejuízo [causado pelo incêndio de setembro de 2018] foi a perda das coleções. E a recuperação delas não depende só da gente”, avaliou.

Além de instituições nacio-

nais, Kellner citou alianças com a comunidade científica portuguesa, espanhola, austríaca e alemã. “A Alemanha já ofereceu ajuda desde que o Brasil se comprometa com um novo projeto, seguro para pessoas e para as coleções”, disse durante a live.

Especificamente em relação à etnologia indígena, coleção completamente perdida para o fogo e mencionada por um participante da live, Kellner afirmou que “a forma como será trabalhada a doação oferecida pela Austrália será construída com grupos indígenas do Brasil”. Como ajudar? Como nas lives realizadas por artistas durante a pandemia, houve até quem oferecesse doação ao vivo. O diretor do Museu, Alexander Kellner, agradeceu a oferta de projeto paisagístico para o jardim do Palácio, mas frisou que “cada coisa tem seu tempo” para a

recuperação da instituição. E lembrou que parte importante das contribuições voluntárias está sendo sistematizada pela Associação Amigos do Museu Nacional (<https://www.samn.org.br/>).



A Museu Nacional Live é uma série de Instagram @museunacional1818 para promover o debate sobre ciência e pesquisa e também abordar temas que sejam de relevância sobre o futuro da instituição. Ela é realizada toda terça-feira, às 11h. (Elisa Monteiro)

ADUFRJ NA QUARENTENA

ANIVERSÁRIO DA AdUFRJ

PARABÉNS! 41 ANOS DE LUTA

DIRETORIA DA AdUFRJ

Há 41 anos surgia a AdUFRJ. A conjuntura política era ainda instável, mas caminhávamos para a redemocratização do país, estávamos a poucos meses de ver assinada a lei da anistia e o retorno de todos os exilados. Foi um passo importante, cheio de coragem e esperança. Hoje agradecemos a todos que se lançaram nesse movimento. Foi crucial para a redemocratização do país, para a construção de uma carreira docente e na

defesa de mais verbas para a universidade. Seguiremos firmes com o compromisso de fazê-la cada dia mais forte e representativa dos docentes da UFRJ. Hoje, como naqueles dias, não temos muitas certezas de como será o desfecho de toda essa instabilidade política e econômica no país, agravada pela pandemia do Coronavírus, mas arriscaremos sempre jogar com a mesma esperança. Sabemos que teremos dias muito difíceis pela frente e a AdUFRJ estará a postos, em nome de seu passado de lutas, se arriscando a construir um novo futuro!



AdUFRJ, ATTUFRJ, APG, DCE E SINTUFRJ

FORMAS
FÓRUM DE MOBILIZAÇÃO E AÇÃO SOLIDÁRIA

A FORÇA DA SOLIDARIEDADE: CINCO ENTIDADES DA UFRJ SE UNEM PARA AJUDAR QUEM PRECISA

EXPERIENTE:
SINTUFRJ - ASSOCIAÇÃO DOS TRABALHADORES DE SERVIÇOS DA UFRJ
ATTUFRJ - ASSOCIAÇÃO DOS DOCENTES DA UFRJ
APG - ASSOCIAÇÃO DE PÓS-GRADUADOS DA UFRJ
DCE - DIRETORIA CENTRAL DOS ESTUDANTES DA UFRJ - ACE MARCE PRATA
AUFRRJ - ASSOCIAÇÃO DOS TRABALHADORES TERCEIRIZADOS DA UFRJ

OBJETIVOS:
- ANÁLISE DA SITUAÇÃO DO TRABALHO DA UFRJ
- ANÁLISE DA SITUAÇÃO DO TRABALHO DA UFRJ
- ANÁLISE DA SITUAÇÃO DO TRABALHO DA UFRJ

QUEM TEM FOME TEM PRESSÃO

LANÇAMENTO DO FÓRUM - 4 DE MAIO, 19H, PELO ZOOM. SIGA O @FORMAS NAS REDES.

ENTIDADES DA UFRJ LANÇAM BOLETIM E FÓRUM SOLIDÁRIO

Solidariedade. Essa é a palavra que uniu as cinco entidades representativas da UFRJ para ajudar a quem mais precisa durante a pandemia do coronavírus. Na próxima terça-feira, 4 de maio, professores, técnicos, trabalhadores terceirizados da UFRJ, estudantes de graduação e pós-graduação o Fórum de Mobilização e Ação Solidária (FORMAS). Será um evento virtual pelo zoom, a partir das 16h.

O FORMAS é um espaço de mobilização política e solidária. Os integrantes do FORMAS acreditam que a resposta à pandemia não depende de convicções ou opiniões fortes

O Fórum também criou um boletim informativo de sete páginas, quinzenal. O primeiro número já está circulando nas redes sociais desde terça-feira, 28. Não será um relatório de ações de solidariedade. Mas um veículo ativo que associa a solidariedade às bandeiras comuns, como defesa da ciência, das universidades públicas, da vida e dos direitos dos trabalhadores. O FORMAS é um espaço de

mobilização política e solidária. O objetivo é divulgar e ampliar as atividades de cada uma das entidades representativas e criar uma rede articulada de ação política. Desde as primeiras semanas de quarentena, as entidades têm tomado iniciativas de ajuda aos setores mais vulneráveis, como o apoio aos moradores da Vila Residencial atingidos pelas enchentes no início de abril, as doações para

o Hospital Universitário e para os trabalhadores terceirizados. Os integrantes do FORMAS acreditam que a resposta à pandemia não depende de convicções ou opiniões fortes, mas do emprego de método científico, pautado por valores democráticos, empáticos e socialmente responsáveis. E nesse cenário, as universidades públicas, e a UFRJ em particular, têm um papel crucial a cumprir.

QUAR@NTENADOS

O texto do professor Eduardo Coelho, coordenador do Laboratório da Palavra, da Faculdade de Letras, é o terceiro da série Quar@ntenados. A seção foi criada para acolher artigos de docentes sobre temas relacionados à quarentena. A diretoria abriu este canal a partir das reuniões do Conselho de Representantes. Os interessados devem escrever para comunica@adufrrj.org.br



Artigo

EDUARDO COELHO

PACC/Faculdade de Letras/UFRJ

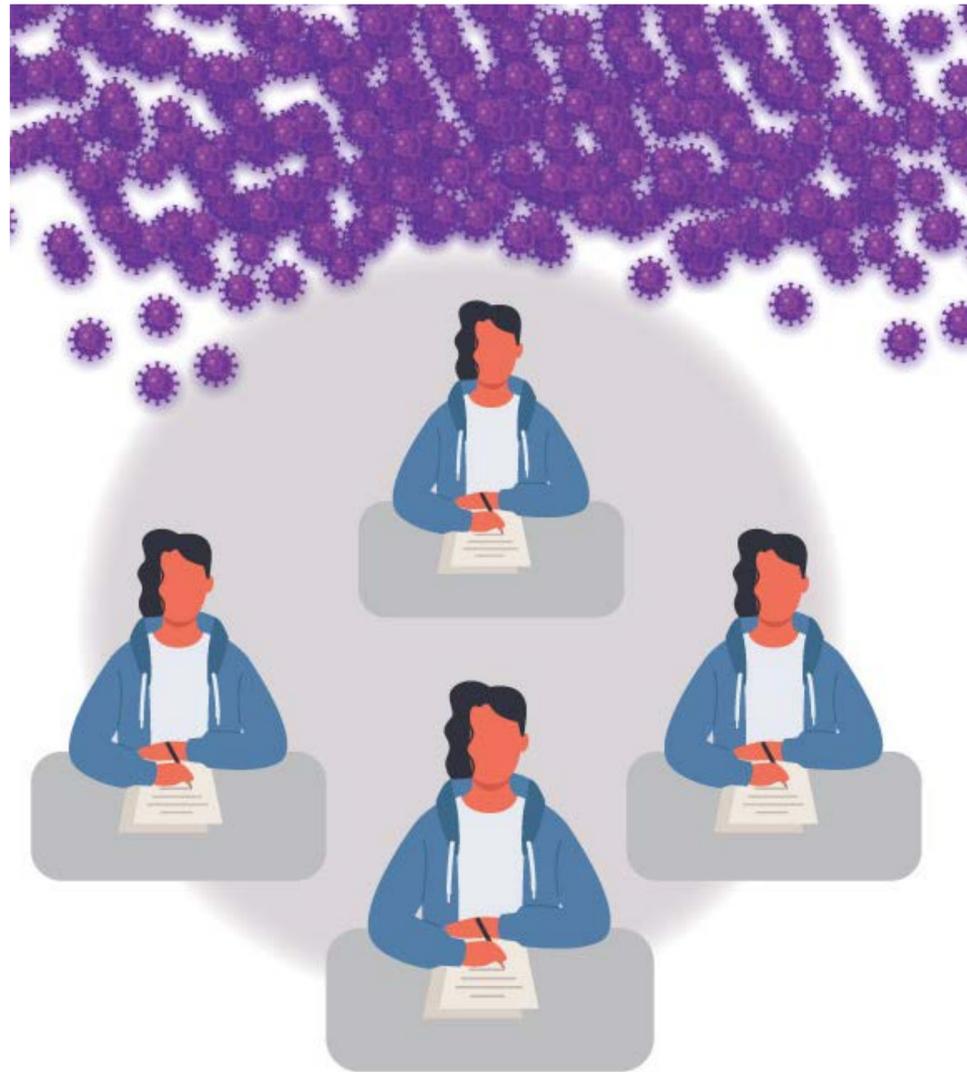
A COVID-19 E O ENSINO PÚBLICO

A Coalizão Global de Educação da Unesco está monitorando a crise do ensino referente à pandemia de covid-19. Seus dados estatísticos sobre o fechamento de escolas revelam que 91,4% dos alunos de todo o mundo estão sendo afetados. Audrey Azoulay, diretora-geral da Unesco, declarou que “nunca antes havíamos testemunhado a interrupção educacional em uma escala como esta”.

Sem dúvida, a educação formal atola numa crise sem precedentes, cujas implicações, até o momento, não foram sequer listadas suficientemente no Brasil, algumas por falta de comunicação, articulação e competência técnica do poder público e outras por estarmos no olho de um furacão emocional, moral e político que nos abala. O quadro é dramático, até mesmo trágico, porque as perdas são irremediáveis. Existem, no entanto, muitas perguntas – e elas descortinam alguns começos no meio de tantas incertezas.

Certas questões devem ser colocadas o quanto antes, referentes ao presente e ao futuro próximo, seguidas de um plano de ações realista, que não desconsidere a continuidade ou aprofundamento da precariedade infraestrutural de unidades do ensino público. É neste sentido – do levantamento de questões propositivas e de um plano de ações para o retorno às aulas – que o Laboratório da Palavra/PACC da Faculdade de Letras/UFRJ está se articulando com unidades públicas de ensino através de uma equipe multidisciplinar, formada por estudantes, professores e pesquisadores de dentro e de fora da universidade, compreendendo todos os segmentos da educação formal e todos os problemas que cada um desses segmentos pode revelar.

Em relação ao presente, o Laboratório da Palavra/PACC contactou as unidades-parceiras do ensino público, buscando responder a suas demandas relacionadas ao isolamento ocasionado pela pandemia. Para o ensino infantil, houve inicialmente a produção de conteúdos digitais, como vídeo-leituras destinadas às crianças. Sabe-se que a leitura na primeira infância consiste na prática mais eficiente de combate ao déficit cognitivo, que tende a alcançar índices alarmantes nos próximos anos devido à suspensão das atividades educacionais. Para o segmento fundamental, fez-se um levantamento das dúvidas de alunos sobre o covid-19, com a posterior elaboração de respos-



tas. Para o ensino médio, com a absurda manutenção da data do ENEM, os alunos solicitaram orientações de estudo. A curadoria de conteúdos artístico-culturais também está sendo realizada pelo Laboratório, que a disponibiliza através de redes sociais e whatsapp das unidades-parceiras. Além disso, com apoio da psicóloga Beatriz Vieira, da Escola Brasileira de Psicanálise, formou-se uma equipe para atender alunos e profissionais de todos os segmentos em questão.

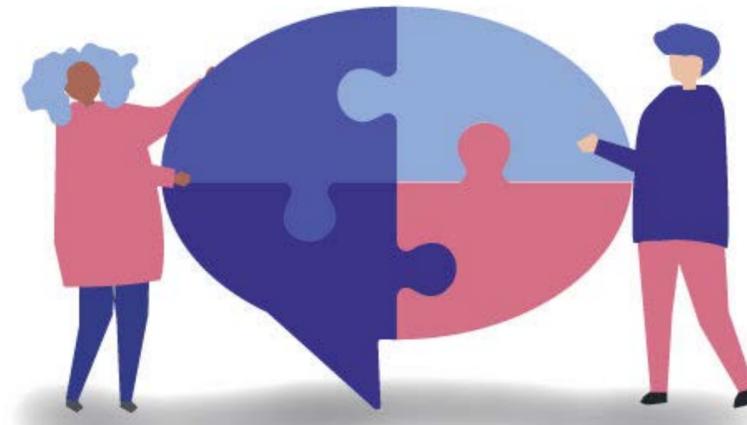
Depois da realização de um seminário interno, reunindo toda sua equipe e profissionais das unidades-parceiras, o Laboratório constatou a necessidade

de elaborar um plano de ações para o retorno às aulas. Especialmente em relação ao ensino infantil e fundamental, torna-se urgente criar um plano de ações para o retorno, considerando que muitas crianças, em casa, não estão se alimentando adequadamente e que a violência doméstica aumentou 50% desde o início da quarentena. Nesse contexto, algumas perguntas já se tornam fundamentais: como acolher os profissionais e alunos das unidades de ensino público?; como viver junto numa sociedade que tem se caracterizado pela intolerância e pela violência sistêmica?; como reformular nossas práticas, de modo a minimizar o

estado de desorientação e trauma generalizado, bem como o desinteresse pelas metodologias vigentes de ensino, que está se manifestando ainda mais intensamente agora?

Para realizar um plano de ações capaz de minimizar os impactos e a desigualdade que se potencializam neste momento, o Laboratório da Palavra/PACC e as unidades de ensino parceiras estão precisando do apoio de profissionais das áreas de biologia, medicina e nutrição. Solicitamos que os interessados entrem em contato pelo e-mail laboratoriodapalavra.pacc@gmail.com.

NOTA CONJUNTA ADUFRJ E SINTUFRJ



EM DEFESA DA AUTONOMIA E DOS DIREITOS FUNDAMENTAIS

A reitoria colocou simultaneamente em circulação dois formulários que provocaram insegurança na comunidade universitária, dado o momento político do país e a insistência do governo federal em atacar os servidores públicos e buscar mecanismos para reduzir nossa renda e direitos trabalhistas.

Reconhecemos a importância da universidade se conhecer melhor e ter dados mais precisos para definir políticas institucionais fundamentadas em dados objetivos e referenciada em situações reais, abandonando o amadorismo e narrativas fundadas em intuições que ainda prevalecem em muitas práticas institucionais. Consideramos que o formulário que busca informações sobre o trabalho remoto aponta neste sentido.

Entretanto, o tempo em que vivemos – onde temos no ministério da educação um inimigo declarado, desrespeitoso e irresponsável, assim como no ministério da economia, que repetidas vezes escolhe o serviço público como vilão para todos os males nacionais – marca com desconfiança e desesperança tudo que vier da esfera de poder federal.

Nesse sentido, a divulgação dessas pesquisas deveria ser precedida de uma campanha maior de esclarecimento sobre seus propósitos. A respeito do formulário que indaga sobre quais as condições objetivas para o desempenho de atividades remotas, consideramos ser importante o seu preenchimento, pois assim teremos uma primeira base para iniciarmos uma discussão

mais ampla, complexa e aprofundada sobre as possibilidades e limites para o desenvolvimento de atividades remotas. É fundamental que esse debate envolva estudantes, professores e técnicos-administrativos, pois não serão apenas os dados objetivos que trarão as respostas que necessitamos, mas a mobilização efetiva da comunidade para pensar um modo qualificado e inovador de enfrentar os desafios de uma universidade pós-quarentena.

Em relação aos formulários encaminhados pela PR4 sobre o trabalho remoto dos docentes e técnico-administrativos, solicitados pelo Ministério da Economia, a desconfiança se justifica pelo interesse expresso de forma inequívoca pelo governo de retirar benefícios e reduzir nossos vencimentos. Acrescentamos a isso que não podemos aceitar a violação do direito que todos os cidadãos têm de não revelar ser portador de qualquer patologia ou situação incapacitante. Dessa forma, ninguém poderá ser obrigado a se auto declarar incapacitado para o trabalho.

Hoje realizamos uma reunião com a professora Denise Carvalho para dirimirmos qualquer dúvida a respeito desse processo. Reafirmamos que a Adufrj e o Sintufrj seguem atuando conjuntamente, não só no âmbito interno, mas também na esfera jurídica. Nosso interesse é encontrar um caminho democrático e plural, preservando a autonomia universitária e direitos fundamentais de todos que trabalham e estudam na UFRJ.

Saudações sindicais,
Direção da ADUFRJ / Direção do SINTUFRJ

Governo ameaça cortar benefícios. Sindicatos da UFRJ reagem

O auxílio-transporte dos professores e técnicos da universidade que trabalham remotamente será cortado pelo governo na próxima folha. O anúncio foi feito pela reitoria, em uma reunião virtual com assessores jurídicos e representantes da AdUFRJ e do Sintufrj, no último dia 30. Em resposta, os sindicatos prepararam uma inédita ação conjunta contra a Instrução Normativa nº 28, do Ministério da Economia, que prevê a retirada de todos os benefícios.

O corte, explicou a reitora Denise Pires de Carvalho, é obrigado por recentes pareceres da Procuradoria Geral da Fazenda Nacional e da Advocacia-Geral da União, favoráveis à normativa do Ministério da Economia editada ainda em março. Se as universidades não retirarem os valores, os reitores poderão ser penalizados por improbidade administrativa. “Não temos mais o que fazer”, informou a dirigente. A reitoria observou que a supressão dos valores independe de qualquer resposta ao formulário encaminhado à comunidade universitária para um mapeamento da situação. Denise deixou claro que não vai cortar o adicional de insalubridade, que é recebido pelos servidores que trabalham nos hospitais e em muitos laboratórios: “Os hospitais e a área de pesquisa não pararam”, enfatizou.

A administração central ainda se organiza para fazer a supressão nos contracheques. A pró-reitora de Pessoal, Luzia Araújo, observou que as orientações do Ministério da Economia para o lançamento de códigos que indiquem o trabalho remoto ou o afastamento por contágio de Covid-19 só foram publicadas no Diário Oficial da União na mesma data da reunião com os sindicatos. O sistema da reitoria ainda precisa ser redesenhado pela Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) para dar conta das mudanças. “E a responsabilidade pelo lançamento dos códigos é de cada departamento de pessoal”, afirmou Luzia. Foi consenso na reunião à crítica ao governo pela mesquinha contra os servidores, que estão enfrentando gastos extras em suas casas, como o aumento na conta de luz, durante o trabalho remoto. Os sindicatos também manifestaram preocupação com a possibilidade de os cortes provocarem voltas precipitadas de servidores ao trabalho. “Se o cumprimento da instrução normativa significar o retorno das pessoas às atividades, isso é colocar toda a sociedade em risco”, argumentou a Ana Luísa Palmisciano, advogada da AdUFRJ.

Diretora da associação docente, a professora Christine Ruta avaliou de forma positiva a reunião. “Há um esforço de colaboração entre as entidades sindicais e a reitoria para traçar os melhores caminhos, diante de tantas agressões do governo”.

RETORNO ÀS AULAS

Durante o encontro virtual, a reitoria acatou uma solicitação dos sindicatos para participação em um grupo de trabalho que vai estudar os cenários de retorno às aulas, após o fim da quarentena. (Kelvin Melo)

PACTO
PELA
VIDA

Sociedade
Brasileira para o
Progresso da
Ciência

7 de MAIO 2020:
MARCHA (virtual)
PELA CIÊNCIA!
PARTICIPE!
#paCTopelavida
#fiqueemcasacomaciência

ESPECIAL / MARIA DA CONCEIÇÃO TAVARES | 90 ANOS

Professora emérita, a economista portuguesa Maria da Conceição Tavares completou 90 anos no último dia 24. Responsável pela formação de várias gerações de economistas na UFRJ e na Unicamp, ela acumula um legado de admiração e combatividade nas formulações sobre políticas econômicas. Ex-deputada pelo PT do Rio, Maria da Conceição é homenageada no **Jornal da AdUFRJ** por um de seus queridos ex-alunos, o agora professor Carlos Pinkusfeld, do Instituto de Economia.

Artigo

CARLOS PINKUSFELD BASTOS
Professor do Instituto de Economia



OBRIGADO, PROFESSORA

Eu era um aluno da Escola de Química da UFRJ e aspirante a músico. Gostava muito de política, também, como a maioria dos jovens no início dos anos 1980 na efervescência do processo de redemocratização. Não entendia muito bem quando os políticos atacavam, com grande imprecisão, o tal “modelo econômico brasileiro”. Para mim fez-se a luz quando comecei a ver as palestras da Prof. Conceição Tavares. Ou melhor, fez-se o brilho, o riso, a provocação e a ânsia por aprender mais.

Para mim ao ver suas palestras ficou claro que era aquilo que eu queria estudar o resto da vida. E de preferência com aquela professora. Dito e feito: entrei no IEI da UFRJ e além das aulas e palestras, acabei ganhando minha orientadora de mestrado e uma amiga.

Suas aulas e seminários eram um mini show, o tempo voava. No começo, se fossem pela manhã então, a expectativa era a pior possível. Afinal ela, normalmente, chegava resmungando, com sua voz grave: “estou péssima”. Não sem razão!!

Crise dos anos 1980, ascensão do neoliberalismo... Mas a “promessa” era inteiramente falsa. Minutos depois estava lá a professora, gesticulando muito, gritando, fumando desesperadamente, andando de um lado para o outro na sala... Ensinando seus queridos Kalecki, Keynes, Marx e Schumpeter, misturados com referências ao filme que tinha visto na véspera do David Byrne e que pra ela, com razão, retratavam as transformações do capitalismo norte americano pós anos 1980.

Era muita coisa junta e misturada, tudo muito divertido; mas, mais importante: fazia todo sentido. Abria a nossa cabeça para a importante ligação entre teoria e mundo real e como essas conexões podem, e devem, ser captadas com a observação atenta das diversas formas de expressões culturais.

Ter sempre um olho de economista estruturalista na vida. A honra de ser orientado pela professora foi recheada de broncas homéricas, lições inestimáveis e descobertas curiosas: como sua paixão por ficção científica.

Mesmo a ruim. Num domingo que



tínhamos marcado para discutir a dissertação, tive que assistir a boa parte do terceiro filme da série original do Planeta dos Macacos, sessão regada à sua inseparável Coca Cola. Acho que fazia parte do processo educacional, ainda que ela, volta e meia, reconhecesse: “Eu sei que esse filme é muito ruim!!” Nos nossos anos de convivência pude atestar a dimensão da sua voracidade pela leitura em geral e por ficção científica em especial. Mas não se deixem enganar pelas aparências. Mesmo a ficção científica não era apenas um espaço lúdico para descanso de uma mente brilhante. Lembro-me do seu entusiasmo em discutir Blade Runner,

e como antevia um futuro distópico como consequência das contradições do capitalismo e da realidade dos anos 1980. Mais uma vez, a partir de um filme de imenso sucesso popular, encontrava espaço para dar mais uma “aula”, seguindo sua permanente orientação de partir da análise das contradições sociais e da evolução das condições materiais como forma de entendimento dos processos históricos concretos. “Como ensinou o velho barbas” (sic)

Além de famosa e querida no Brasil, Conceição também era admirada fora daqui. Durante um aula no doutorado a também grande e querida Prof. Alice

Amsden ficou radiante ao saber que eu havia sido orientado pela Conceição. Contou alguns “causos”, típicos da mestra, e completou: “She is crazy. I love her. Send my warmest regards when you see her”.

Quando visitei o Brasil, numas férias de verão, transmiti o abraço da Prof. Amsden e falei, com leve arrogância: “Poxa Conceição, tem umas coisas que a gente está estudando no curso de doutorado que eu já vi no mestrado”.

Ela deu um tapinha no meu ombro e falou com certo enfado: “Claro ué, você teve mestre”.

Tive mesmo. Obrigada professora.